

Não vamos fulanizar as discussões'

BRASÍLIA — Ao entregar a seu vice, Marco Maciel, a tarefa de centralizar a amarração política do Governo, Fernando Henrique convocou um especialista na articulação, que sabe combinar como poucos a conversa discreta ao pé do ouvido com a ocupação ostensiva de espaços na mídia. É comum vê-lo aos cochichos no fundo do plenário, fugindo da imprensa, num dia, mas encontrá-lo 24 horas depois todo falante diante das câmeras de TV. Para Maciel, a mudança de um estilo para outro é só uma questão de tempo e oportunidade.

Educado e polido ao extremo, o vice de Fernando Henrique não fala mal de ninguém, nem em conversas reservadas. Em público, prefere sempre discutir teses. Mesmo quando é evidente o endereço de suas críticas, evita dar nomes aos bois.

— Não vamos fulanizar a discussão — é um de seus bordões preferidos.

Maciel tem enorme capacidade de trabalho. Deita tarde e acorda cedo. Metódico, cumpre uma a uma as dezenas de tarefas do dia. É considerado um excelente organizador. Os líderes do PT e do PDT, por exemplo, ficaram impressionados com ele durante a campanha pela manutenção do presidencialismo. Amarrava cada tarefa, preocupava-se com os

menores detalhes, atraía todos os aliados possíveis.

Bom ouvinte, sabe movimentar-se na hora certa no xadrez político. Não guarda rancor de adversários e costuma reagir às críticas da imprensa com tolerância.

— Isso faz parte do processo — costuma dizer.

Durante o Governo Sarney, foi o responsável pela articulação política como ministro-chefe do Gabinete Civil por mais de um ano. Deixou o cargo depois de uma briga do PFL com o presidente Sarney, acusando-o de refém do PMDB. Foi substituído pelo ministro Ronaldo Costa Couto, na época do PMDB.

Subiu na vida política durante o regime militar, mas liderou a dissidência do PDS, que votou em Tancredo Neves no Colégio Eleitoral, em 1995, contra o candidato do partido, o atual prefeito Paulo Maluf. O senador quase foi vice de Tancredo. Anos depois, acompanhou o partido e deixou o Ministério de Fernando Collor quando parte do PFL rompeu com o ex-presidente. Collor o admirava tanto como articulador que se recusou a receber a carta de demissão que Maciel apresentou quando o PFL decidiu sair do Governo. De volta ao Congresso, o futuro vice acabou votando a favor do impeachment.